

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIÓDICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscreeve-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6 a 1\$000 rs. por bimestre—ou 8 numeroes— A redacção aceita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## LITTERATURA.

### A Rainha do baile.

Que mimo ! que roza !  
Que filha de Deus ! . . .  
A. Azevedo.

I.

Eu amo o baile porque no ruido tumultuoso de suas satias, divizo a imagem desta vasta comedia mundana, onde—rizes e lagrimas—esperança e desespero—seducção e orgulho—reinato confundidos nesse immenso turbilhão, sob a capa do prazer.

II.

Conhecestes manchaos a virgem do baile ? Vistes o sorriso entrelacado de seus labios ? A roza em botão não seria d'um encarnado mais bello, detestosamente mais fresco !

—Intimo fulgor derramava dos fascinadores olhos, que ora languidos em profundo scismar, ora lanquidos scintillus de amor e viveza brilhavam como no horizonte brilha a estrella do pastor ao arrebo do dia.

—Doce, meiga e affavel, ignota a vaidade e presumpção, meigo sorriso lhe desluzava mansamente sobre a rosa vermelha das faces, donde se desprendião nupcias notas da mais arrebatadora e angelica candidez. □□

—Revellava um composto de candura e perfeição. Gingia-lhe a fronte a santa auréola da virgindade:

## Gupeva.

ROMANÇO BASILIENSE.

I.

Era uma bella tarde de agosto, e o Sol, que declinava ja no occidente, mandava seus doces, e melancolicos adonsas, a pacificas agoras da Bahia de Todos os Santos; e esses raios amorceados d'um sol, que meigamente se despedia a nossa vista, brincavam nas encurvas d'um navio, ali ancorado; e beijavam o cume dos palmares, e os areias da praia. Eu amo a boheira da tarde, como a um suspiro, que repassado de amor, e de saudade, destacando-se do coração d'uma donzella, fuge vagaroso, tímido, e melancolico.

Eu amo a bella tarde, dessas que inspiram poesia, dessas que obrigam o homem, a um doçissimo scismar; porque parece-lho por todo a parte esculpar os seus longiquos d'uma haipa. Esses uteru

e erguido com magico imperio, deixava notar-se as bellezas d'um ebullente collo que parecia toda reter as primeiras fontes de amor e tentação.

—Engolfada no prazer da dança, seu divino corpo mais ligeiro e leve do que uma sylphide, parecia no redor da walsa a vaporoso e divinal relexo, d'um habitante dessa ethereu mansão, voando aos pés do Creator.

—Sua voz argentina mais doce e harmoniosa que o cantico dos Anjos, abrandaria por mais enpedernadas que fossem as fibras do coração do sceptico, e torni-lo-hia para logo captivo de tão infidos attractivos.

—Oh, quizeria ao menos ter uma lyra, onde em louradas cordas decantasse a imagem dessa ephemera e graciosa visão. □□

—Mas, as cordas não resistem as intimas onegações da alma, quando o vale não encontra na terra imagens para uma comparação ?

—Quizeria ao menos que essa noite, de baile durasse por seculos, mais tarde findando, porque contemplando a—cristina delle—infundio-se em minha alma o mais venerando culto e verdadeira adoração, que para sempre será a bussola de minha tão anhelada ventura !

Setembro 28—1861.

J. R.

## CHRONICA SEMANARIA.

—Bravos, bravos, ali temos o—JARDIM—sempre bello e infallivel ! ( Dirão as amaveis

cos sons, que escutamos no cair da tarde, devem ser a voz dos anjos, que derramada das alturas, vem quasi sumida; mas melodiosa, e doce afagar nossos ouvidos, esbocarem nosso dorido e acouzado, soffrer.

O navio, que vemos ancorado n'ossa bella Bahia, a hora solenne do crepusculo, era o Infante de Portugal, vaso de guerra que ali havia trasido Francisco Pereira Coutinho, donatario d'aquella Capitania, depois que a celebre Paraguanu, Princesa do Brasil, cedera a seus direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante, acabou de receber as ultimas ordens de Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo. □□

Reconstituido ao castello da proa, com os olhos fixos em terra, como que davorava por um frenetico desejo, desenhava-se a forma esbelta, e juvenil de um bello mancebo, cujo uniforme de marinha, fazia sobressaltarem os finos traços de suas feições aristocraticas, a brancura d'uma pelle levemente cretada pela aridez do sol. E o mancebo, com os olhos fixos em terra, parecia meditar profundamente, por que em sua existencia, mel. tar



leitoras lançando sobre elle suas arrebatadoras vistas). 'Tirará Chronica? E' o que importa.

E porque não? lhe respondio eu: ei-la, pedes apreciar-la quando vos aprouver, contando que me permittaes ser hoje um pouco prolixo, e despido de todo qualquer preluvio, ainda que muitos affirmem ser elle o *sine quod* da narração.

Commençans donc l'... Ah! perdão, esquecia-me enviar-vos as minhas mais sympathicas saudações, pela benevolata attenção que tendes prestado ao Chronista sempre incansavel á descobrir-vos mysteriosos arcanos.

Porem vejo que vós tão bellas tão modestas, pezo algum daes nos meus sincaeros emboiras, instigadas somente pela curiosidade de saber a—*ordem dos tempos*!—

Monotomia! insipidez! é o brado estrugidor que incessantemente atordoava-me os ouvidos; é o assumpto de conversação na reunião de familia, é finalmente a *ordem dos tempos* deste nosso S. Luiz!

E mais caliginoso sem o véo que envolve a fagueira e verdejante ilha do author das—Folhas Soltas—se não fossem as bellas partidas mansas do—Club e Recreativa—aoite por um pouco tornamos-nos surdos a esse eco estridente que com desagradavel effeito resoa em nossos ouvidos.

Quizara possuir a penna de Gournier, o lapis de Gararra, para, descrevendo alguns desses iniciados e arrebatadores quadros que se nos apresenta a natureza, offercer-vos um meio de distração.

Mas, apenas esboçatei algumas interessantes e verdadeiras scenas decorridas na ultima partida da—Recreativa—pelo que em *primeiro* loco havéis de acceder que por um pouco trate da minha incognita pessoa, quando é ella neste caso *sujeto* na acção, e assaz necessaria para dar força ao que passo a narrar-vos.—Drevão 8 horas da noite no relogio da municipalidade, quando por um indefinivel ins-

pode. Mas, não era a resignação que elle cedia, era a uma especie de desesperação; e se elle meditava, era o como seus desejos tão ardentes, e quasi tão impossiveis se haviam realisar. Essa ideia o preocupava tanto, que o mancobo mostrava-se indifferente a tudo que o cercava, até a belleza do horizonte, n'essa hora cingido por uma faixa larga, e avermelhada. Essa faixa sanguinea nos horizontes, parecia ameaçar sinistra tempestade. Seria acaso verdade? O mancobo official, nem isso reparou.

E o sol de todo amortecia nos orlas avermelhadas do horizonte, eo coração do moço mais se assanhava, e confrangia; mais elle debatia se n'uma dolorosa piedade. Seus olhos ardentes pareciam querer divisar através dessas matas, ainda quasi virgens, um objecto qualquer que o interessava. Sem duvida n'esse lugar outrora solitario, onde hoje se eleva a bella cidade de S. Salvador, devia haver alguma coisa, algum ente extremamente amado, que attraia para si, todas os pensamentos, todas as faculdades, parece que toda a alma do mancobo europeu.

Que tens, meu querido Gastão? — perguntou-lhe um outro joven official, tocando-lhe amiga-

tinato deturbar-me iraco baile (tambem para saltar-vos para verdade materia alguma havia para a Chronica, o que summamente me compromettia).

O espirito de curiosidade, e a fiel observancia de minha palavra tambem me foram optimos conselheiros.

Enfim, enfiei-me na velha *paparaluba* e, deatto em pouco achei-me nos salões.

Contemplando os vai veus daquelle immenso turbilhão, não deixei de concordar com Balsaç, quando diz que — um satio de baile não passa d'uma scena desta grande comedia mundana, onde cada qual representa o seu papel.

Tal qual he.

Com o auxilio de minha luqueta, recostado ao umbrao d'uma sabha, admeitava os *dilletanti* da dança que percorrendo de dama em dama, tiravam pares para *vigesimas setimas* contra-danças, quando (se não me falha a memoria) não se havia dançado a primeira!

Não me havia decidido a dançar, e vendo aquillo mais irresoluto e temorato fiquei: preferia antes ficar nas minhas observações do que levar um —já tenho para todas—pela caza ou almas carregatudo com uma boa dazia de taboas, como as que meu grão meu, aqui as *espicharia*, se não attoudesse sem ellas leitoras do JARDIM...

Rompe o baile, e os harmoniosos sons da musica me vieram fazer um ceito que n'alma, que firme e resolute, saio em campo, e acho-me ante uma formozza virgem cujo olhar seductor infundia-me tal culto e veneração que torno-me por um pouco balbuciante, sentindo a alma em completa agitação.

Oh! nunca os habitantes do Edem gozarão da mais felicidade e delicias, como a que senti ouvindo um angetico—*sine*—dos labios da virgem á quem eu impetrava uma contradança!

Leitura, comeeço que bastante enfadadas já estaes com estas massantes descrições, culpai porem a minha penna por ter tanto escrip-

velmente no hombro — "Aiada pensas n'ella?

O moço interpellado, estremeceu ligeiramente como quem desperta d'um profundo sono, evoltando-se para o seo interlocutor, com um sorriso amargo, disse-lhe:

Sem; e agora mais que nunca. Oh! Alberto — "continhou— hontem eu a vi, quiz dizer-lhe que hia deixal-a, que voltava a Europa, e não pude. Não tive forças para tanto. E ella/ella, a misera, como se alguma coisa lhe presagiasse o coração, deixou cair na reiva, suas ardentes lagrimas, e na voz d'um solago que se lhe destacou do peito, perguntou-me:

Gastão, quando voltareis aqui?

Julguei que ella tinha advinhado o momento da partida; mas tudo ignorava. Enxuguei-lhe as lagrimas, prometendo-lhe que hoje voltaria, mais Alberto, amanhã nos faremos a velha, e eu não a tornareí a ver!

E a tua promessa? — perguntou Alberto.

Sabiremos amanhã— tornou o moço apaixonado, e hoje bem sabes, passo a noite de quarto.

( Continúa. )



to e nada dito, porque eu vou tratar de ir pou-  
co mais adiante.

Findava-se uma contradição, e os pares  
apartando-se das saltae tomavam diversas di-  
recções.

O caso me fez seguir um deilos, pela vivaci-  
dade de suas expressões foi-me facil conhecer  
que ali andava trica amorosa:

Minha Sra., dizia o cavalheiro, culpa algu-  
ma tendo disso, porque nunca fiz á *elle* decla-  
ração do meu amor, apenas lhe faço um sim-  
ples — *tendez-vous* — de sação, porque é moça,  
e não devo trata-la mal!

Eu o sui verdadeiramente, ( replicou a da-  
ma com ironia ) se só houvesse esse simples  
*tendez-vous*, não havia ella dizer-lhe o que  
disse em minha presença taxando-o até de  
ingrato, quando parece-me que somente eu  
tinha direito de dar-lhe este nome, o que não  
o fiz quando o vi dar flores á R. . . . no mes-  
mo instante em que acabava de declarar-me o  
seu amor, e . . .

Por amor de seu sexo! D. \*, não me im-  
ponha assim de voluacal, acredite ainda uma  
vez, que aqui e em toda a parte somente a vejo  
como a essencia da minha vida, o objecto de  
meus sonhos!

— Deveras? exclamou a moça com vivo en-  
thusiasmo; pois bem façamos as pazes, e em  
paga de tantas arguições dar-lhe hei mais  
duas contradições . . . Deixe-me no *toilet*,  
até já.

Mal havia la coordenado as minhas idéas  
pelo que acabava de ouvir, quando sahirão do  
*toilet* duas interessantes meninas, uma das  
quaes mostrava uma especie de bilhete que  
dizia ter ali encontrado. Eu que ando a cata  
destas cousinhas tratei de empregar toda a  
sorte de estratagemas para conquista-lo, o  
que com effeito obtive.

Mas, ah! *carão!* tres vezes *carão!* fui per-  
fidamente illudido (e isto cá para nós) por  
causa daquelle papel em branco, o vossso Chro-  
nista sentenciou as tuas meninas a passarem  
o presente mez a *ragão* de um só namorado,  
para que não tenham vontade de zombarem  
delle segunda vez.

Por hoje é *quantum satis*.

## Não poder!

### Parodia.

Não ser eu! não ser a abeiha.  
Que labe o mel dos teus beijos.  
Que abrasado em mil desejos  
Te escute a voz a tremer;

( Pedro Galasms. )

Não poder, mulher formosa,  
Transformar-me nessa rosa  
Que adorna os cabellos teus;  
Então seria ditoso,  
Não quereria outro gozo,  
Nam mesmo junto de Deus!

Não poder ser essas flores,  
Vivos emblemas de amores,  
Que trazes na nivea mão;  
Seria então bafejado  
Por ti, ó anjo adorado,  
Com transparte de paixão!

Não poder ser eu a fita  
Que o rodar da waiza agita,  
De tua airosa cintura;  
Ou o par que delirante,  
No peito de amor constante,  
Te apertasse com ternura!

Não poder ser eu a brisa,  
Que nos azes se deslisa,  
Com muribundo gemer,  
Foderia aos teus ouvidos  
Saltar os ais, os gemidos,  
Do meu amaego soffrer.

Não poder eu noite e dia,  
Triumphante de alegria,  
Viver constante a teu lado;  
Seres tu a minha estrella,  
Scintillante, pura e bella,  
N'um neo céu prateado.

Não poder, anjo innocente,  
Ser eu só o confidente,  
Do teu virgem coração;  
Não poder abrir meu peito,  
Para mostrar-te o sileito  
Dos ardores de um vulcão!

Não poder, quando pensares,  
Quando meiga suspirares,  
Sozinha na soledade;  
A teus pez então prostrar-me,  
Em agro pranto banhar-me,  
Imploreando a tua piedade.

Não poder dizer-te-a sorte  
Não tem um poder tão forte,  
Que eu não possa suplantar!  
Vem Donsella, vem conmigo,  
Procurem-mos um abrigo  
Onde eu só possa te amar.

Não poder, não ter o dom,  
De transformar-me n'um som,  
De uma lyra apaixonada;  
Para nas azas do vento  
Ser levado n'um momento,  
Junto ái mulher e fada!

Não poder, neste momento,  
Possuir o firmamento  
Do mundo ser o senhor!  
Sem pena tudo daria,  
Se gozar pedesse um dia  
Os teus carinhos de amor!

Não poder! creal lembrança!  
Palavras sem esperanza  
Que me trespassão sem dó!  
Sou um tiste condemnado,

A ser infeliz desgraçado,  
A viver no mundo só L.

Vai pois, Donsalla formosa  
Foge do mim, Como a rosa  
Fugir deve do furacão!  
Vai ser d'outro! — q'eu errante,  
Qual perdido caminhante,  
Hiciei viver na solidão!

Setembro 29—1861. □ C. Castro Quicirós.

### O AMOR.

Enorme serpe terrível  
E' o amor,  
Quando n'um peito sensível  
Vasa a dor!

E' lança aguda e luzente,  
E' punhal,  
Que nos fôre cruelmente,  
Que é fatal!

O amor é tormento eterno,  
E' volcão;  
E' facho ardente do inferno,  
E' traição!

Amargo veneno, lento  
Em matar,  
E' vil tyranno, cruento,  
A reinar!

Mas quando é nobre e é santo,  
A sorrir,  
E' joia de mágo encanto,  
A luzir!

Então é nectar gostoso  
No sabor;  
E' do peito o sol formoso  
Este amor!

E' da existencia a ventura,  
E o matiz,  
Que torna a humana creatura  
Mai feliz!

Se o fado me não tratasse  
Com rigor,  
Quem me dêra que eu gozasse  
Este amor!

J. DE C. ESTRELLA,

### Não me acreditas!

( A PEDITO )

Não me acreditas! — acaso  
Ha quem mais te possa amar? —  
Quem te renda mais extremos,  
Quem saiba mais te adorar! —

Acaso amor mais constante,  
Acaso paixão mais fida,

Mais melindrosos affectos  
Pede-te, de amor — a vida? —

Asaso viste a teu lado  
Gosar alguém mais ventura —  
Acaso terras caricias,  
Cobreste de mais ternura? —

Não comprehendes quanto doce  
Essa duvida caes! —  
E' gota, a gota exprimida  
No peito, — de dor, e fel.

Não me acreditas? — entanto  
Ninguem mais fiel te amou,  
Ninguem te rende mais cultos,  
Ninguem melhor te adorou.

Sinto em amar-te praser;  
Porqu' o duvidas! — cruel! —  
Ha quem mais vele teas dias,  
Quem mais te seja fiel! —

Não me acreditas? procura  
Mais fido, mais terno amor,  
Mais duplicados extremos,  
Desvelos de mais primor.

Mas embalde — Oh eu te juro,  
Só eu te sei adorar!  
Mais doce amor, e mais terno;  
Jamais na vida has de achar.  
Guitarras. —aes. □ M. M. F. do Reis.

### Um Brado do Coração.

Pelo mundo indifferente, eu vago incerto  
Sem noite, porvir, sem uma esperança,  
Minh'alma inflammada em tal affectos  
Busca em vão, um santeimo de bonança.

Ao fabuloso dô, pungente escarneo  
De gente que o soffrer não comprehende;  
Orgulhosa em tarpar profete o encerro  
Do mizero peito que ao sepulchro tende!

Sensôforas meu anjo, ( oh Deus que inferno )  
Que destino fatal, horrido futuro,  
Ao longe vejo-te com os olhos d'alma  
E nella impressa tem teu rosto puro.

Tu casta virgem, enlavo das almas  
Que minha existencia reuzas dourar  
Es meu talisman, meus patos affectos  
O unico thesouro que aspiro gozar.

Ai não reuzes que contemple, virgem  
A meiga candara de teu rosto pulchro,  
Que minh'alma triste de tanto pungir,  
Sem equilibrio cahirá no sepulcho.  
30 de Setembro—1861.—1861. □ J. R.

Decifração da charada do n. passado é —  
Pires.

Rogamos aos nossos assignantes, que por descuido do entregar deixarem de receber pontualmente este jornal, hajão de reclamar na typographia Maranhense, rua Formosa — e na mesma recebem-se assignaturas.

Maranhão — 11 y. — Conservadora —